

SACRIFÍCIOS HUMANOS EM CARTAGO: UM DIÁLOGO COM A HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Fabrizio Nascimento de Moura¹

RESUMO

A civilidade cartaginesa sempre teve sua história atrelada à de Roma, em virtude das Guerras Púnicas. Além disso, a documentação textual sobre Cartago, constituída de relatos de historiadores antigos gregos e romanos, suscita questionamentos, uma vez que Grécia e Roma foram suas principais rivais ao longo de sua História. Assim, atualmente, a historiografia tem voltado sua atenção para as informações arqueológicas, das quais é possível questionar sobre a existência de sacrifícios humanos em Cartago. Neste artigo analisaremos os principais aspectos abordados pela historiografia contemporânea acerca desta temática na civilidade púnica. Trata-se de um estudo que permite desvincular a História de Cartago da História romana, agregando-lhe historicidade própria, através da descoberta dos seus hábitos e práticas religiosas.

Palavras-Chave: Cartago, Religião, Sacrifícios Humanos.

ABSTRACT

The Carthaginian civilization has always been tied to its history of Rome, by virtue of the Punic Wars. Additionally, the textual documentation of Carthage, consisting of reports of ancient Greek and Roman historians, raises issues, since Greece and Rome were their main rivals throughout its history. Thus, currently, the historiography has turned its attention to the archaeological information, which you can inquire about the existence of human sacrifices at Carthage. In this article we will analyze the main issues addressed by contemporary historiography concerning this subject in the Punic civilization. This is a study that lets you unlink the history of Carthage Roman history, adding her own historicity, through the discovery of their habits and religious practices.

Keywords: Carthage, Religion, Human Sacrifices.

¹ Mestre em História Comparada (PPGHC/UFRJ). Ex- bolsista CAPES. Coordenador do Grupo de Pesquisa de História Antiga e Medieval (UEMA – Campus de Imperatriz).

“Qualquer hipótese e todos os argumentos que tecemos em torno da morte tenta contornar um obstáculo: assim como o sol, nós não podemos olhar diretamente para a morte. O sol, porque brilha intensamente, a morte porque é muito escura, impenetrável. O que sabemos sobre a morte tem como base aquilo que nós não sabemos.” - Santo Piazzese - *Il soffio della valanga*.

O debate da historiografia contemporânea acerca do sacrifício humano em Cartago esteve quase sempre ligado à questão sobre a existência ou não do ritual de sangue humano naquela sociedade. A temática do sacrifício humano, durante muitos séculos, foi considerada por muitos estudiosos como uma excentricidade antropológica ou, em muitos casos, como produto de imaginações férteis. A antropóloga Barbara Ehrenreich revela, na obra *Ritos de Sangue* (2000), que a repugnância que os pesquisadores hoje sentem pela prática do sacrifício de seres humanos impediu que se construíssem investigações objetivas acerca desta temática. Muitas vezes o conquistador europeu atribuiu o sacrifício humano às civilidades conquistadas, com o objetivo de desvalorizar a cultura local. A autora lembra que um dos argumentos mais utilizados no século XIX para justificar a escravidão era o de libertar os prisioneiros de um destino pior nas mãos de sua própria sociedade. Por outro lado, os pesquisadores buscavam corrigir as distorções imperialistas negando ou ignorando as práticas de sacrifícios humanos na Antiguidade ou no período Moderno. A partir de então, se tornou prática comum destes estudiosos classificarem o sacrifício humano como um instrumento sensacionalista de injúria de uma cultura sobre a outra. Entretanto, nos dias atuais acumulam-se evidências que não permitem negar esta prática, e o sacrifício humano, longe de ser uma excentricidade antropológica, foi uma atividade muito difundida em variadas culturas e teve participação em quase todas as formas de religiosidade. (EHRENREICH, 2000, 67).

Negar a prática sistemática de sacrifícios humanos em diversas épocas e lugares reflete a dificuldade do pesquisador contemporâneo em admitir que um evento “moralmente repugnante” para nós tenha sido “moralmente necessário” para civilidades tão humanas quanto a nossa. A pesquisadora Barbara Ehrenreich destaca ainda que grande parte da história do sacrifício humano permanece obscura, sobretudo a partir da sua relação com a prática mais aceitável do sacrifício animal. Em muitos aspectos da narrativa mítica² as formas do sacrifício humano e do sacrifício animal parecem intercambiáveis. Para o leitor moderno a prática do sacrifício humano parece ser bastante perturbadora por levá-lo a pensar em si mesmo ou em seus semelhantes como alimento sagrado. (EHRENREICH, 2000, 71-73).

Este contexto contemporâneo em relação à prática de sacrifícios humanos pode estar relacionado ao polêmico debate acerca de sua pertinência à sociedade cartaginesa. Estes questionamentos atravessaram a *historiografia italiana, árabe, francesa e Anglo-Americana*.

Iniciaremos nosso debate a partir das considerações pertinentes à *Historiografia Francesa*. De acordo com os arqueólogos Gilbert e Collete Charles-Picard, na obra *A vida Quotidiana em Cartago no Tempo de Aníbal* (1964), apesar de viver num mundo repleto de encadeamentos sobrenaturais, os homens não estão desprovidos de meios de ação, no qual o mais poderoso é o sacrifício, que renova e restaura a energia divina. Entretanto, para os autores, não se trata de uma simples oferenda e o sacrificador imola a ele mesmo, sendo a vítima seu substituto. Por outro lado a persistência do rito é explicada por sua eficácia: quanto mais elevado o valor da vítima expiatória, mas eficiente é a prática ritual. Tal é a situação do ritual cartaginês, onde a imolação de crianças é a sua forma mais eficaz, revelando a manutenção da

² A mitologia grega apresenta algumas referências relacionadas às práticas de sacrifícios humanos, a saber: o Titã *Cronus*, que exigia carne humana; as bacantes, adoradoras de Dionísio, que destroçavam pessoas e as devoravam vivas; e os doze troianos que, na *Ilíada*, foram sacrificados no funeral de Pátroclo. (EHRENREICH, 2000, 68).

tradição herdada dos fenícios do Oriente. Para os autores, a objetividade do sacrifício cartaginês buscava expiar alguma falta cometida, algum desvio de conduta em relação às divindades, consideradas causas das calamidades a que a cidade-estado esteve sujeita ao longo de sua história. Neste sentido, as famílias mais abastadas de Cartago tinham a obrigação de oferecer seus filhos primogênitos à Baal Hammon e Tanit como instrumento de restauração da aliança com os deuses. (G. & C. CH-PICARD, 1964, 67).

De acordo com Serge Lancel, na obra *Carthage* (1992), o infanticídio ritual também pode atuar como um mecanismo de controle de natalidade, ainda que estas práticas sejam consideradas inconcebíveis nos dias atuais. Poderia ser também um sistema de regulação econômica. O estudo de inscrições votivas descobertas na necrópole cartaginesa revela uma predominância de dedicatórias relativamente ricas sobre estes ex-votos. Restringir sua prole era também uma maneira que muitas famílias cartaginesas encontravam para evitar a dispersão da riqueza, ainda que a regra da primogenitura já limitasse esse risco. E, por outro lado, menos indivíduos para alimentar provavelmente livravam muitas famílias da pobreza. (LANCEL, 1992, 271). Há ainda a *hipótese funerária*, teoria que defende a ideia de que a necrópole cartaginesa era um local onde se realizavam os sepultamentos de crianças vítimas de mortalidade infantil ou vítimas de aborto. De acordo com o autor, esta hipótese é viável do ponto de vista sociológico e religioso, mas não resolve todos os questionamentos acerca do assunto, a saber: se todas as crianças encontradas no sítio arqueológico cartaginês foram de fato vítimas de doenças ligadas à mortalidade infantil, como explicar a presença de ossos de pequenos animais nas mesmas urnas funerárias? Para o autor, somente a partir de uma melhor análise osteológica poderemos saber objetivamente quando e sob qual circunstância ocorreu a morte dessas crianças, e então concluir uma questão que permita negar categoricamente a realidade do sacrifício humano em Cartago. (LANCEL, 1992, 273).

Na opinião de Serge Lancel, os historiadores do mundo antigo se encontram diante de dificuldades irredutíveis quando têm a necessidade de unir documentação textual e evidências arqueológicas, completando umas pelas outras. (LANCEL, 1992, 276).

Auguste Pavy, em sua *Histoire de La Tunisie* (s.d.), afirma que era para a divindade Baal Hammon que os cartagineses ofereciam vítimas humanas, durante um longo período. O autor revela ainda que as vítimas expiatórias eram escolhidas entre os filhos das mais importantes famílias daquela cidade. (PAVY, s.d., 21). O historiador Arthur Pellegrin, escrevendo quase vinte anos após as descobertas do *Tophet*, afirmou em sua *Histoire de La Tunisie* (1944) que Tanit e Baal eram conhecidos por seu culto “bárbaro”, que exigia sacrifícios humanos. Segundo ele, Baal Hammon fora representado por uma estátua de bronze cujas mãos articuladas recebiam e deixavam cair as crianças sobre o fogo, e as descobertas arqueológicas confirmavam essa afirmação, embora esta estátua nunca tenha sido encontrada. (PELLEGRIN, 1944, 42).

Vejamos a seguir, como parte da historiografia *Anglo-Americana* tratou o assunto. Os pesquisadores Lawrence E. Stager e Samuel R. Wolff, no artigo intitulado *Child Sacrifice at Carthage—Religious Rite or Population Control?* (1984), revelam que a palavra *Tophet* é de origem bíblica e se refere a uma região ao sul da antiga cidade de Jerusalém, no vale de Ben-Hinom, onde os israelitas tinham o costume de sacrificar os seus filhos. (STAGER & WOLFF, 1984, 31). As descrições destes ritos encontram-se no texto bíblico do profeta Jeremias:

“E edificaram os altos de Tofete, que está no Vale do Filho de Hinom, para queimarem no fogo a seus filhos e a suas filhas, o que nunca ordenei, nem me subiu ao coração. Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que não se chamará mais Tofete, nem Vale do Filho de Hinom, mas o Vale da Matança; e enterrarão em Tofete, por não haver outro lugar.” (Jeremias 7: 31-32).

Estas práticas sacrificiais são comumente associadas à divindade *Baal Hamom*:

“E deixaram todos os mandamentos do Senhor seu Deus, e fizeram imagens de fundição, dois bezerros; e fizeram um ídolo do bosque, e adoraram perante todo o exército do céu, e serviram a Baal. Também fizeram passar pelo fogo a seus filhos e suas filhas, e deram-se a adivinhações, e criam em agouros; e venderam-se para fazer o que era mau aos olhos do Senhor, para o provocarem à ira.” (2 Reis 17:16-17).

Há ainda outra referência bíblica a estes ritos sacrificiais dedicados a uma divindade não israelita, conhecida pelo epíteto de *Moloque*, cujas práticas teriam sido abolidas por volta do século VII a. C.:

“Também profanou a Tofete, que está no vale dos filhos de Hinom, para que ninguém fizesse passar a seu filho, ou sua filha, pelo fogo a Moloque.” (2 Reis 23:10).

Estas descrições bíblicas citadas acima levaram os arqueólogos e historiadores a denominarem de *Tophet* o santuário onde foram descobertas urnas contendo ossos calcinados de crianças, localizado em Cartago. De acordo com Lawrence E. Stager e Samuel R. Wolff, o *Tophet* cartaginês é a maior necrópole destinada às vítimas de sacrifícios humanos já descoberta até hoje, reforçando a ideia de que os cartagineses sacrificaram suas crianças de forma sistemática por mais de 600 anos. A área total da necrópole está situada em torno de 16,5 a 19,5 km², ainda que os limites não possam ser seguramente fixados em virtude da moderna ocupação urbana da região. (STAGER & WOLFF, 1984, 31).

Para Lawrence E. Stager e Samuel R. Wolff, as evidências arqueológicas descobertas no *Tophet* cartaginês ao longo do século XX comprovam a existência das práticas sacrificiais naquela região, descritas pelos historiadores antigos, como Diodoro da Sicília e Plutarco. Entre estas evidências há a presença massiva de estelas

funerárias votivas que revelam as promessas feitas pelo ofertante do sacrifício, algo que não se observa em inscrições funerárias comuns. As fórmulas mais comuns trazem as seguintes inscrições: “à nossa senhora, à Tanit, face de Baal e ao nosso senhor, à Baal Hammon, aquilo que foi prometido (...) filho de [descrição do nome], filho de [descrição do nome], porque ele (...) ouviu a sua voz e o abençoou.” Além disso, há, em alguns casos, a presença de ossos de pequenos animais juntamente com os ossos de crianças no interior das urnas, descobertas através das escavações arqueológicas realizadas no local. (STAGER & WOLFF, 1984, 32).

De acordo com as análises apontadas pelos autores, não parece haver dúvidas quanto à prática sacrificial exercida pelos cartagineses. Mas quais seriam as razões que os levavam a tais práticas? De acordo com Lawrence E. Stager e Samuel R. Wolff, os cartagineses utilizaram os animais como vítimas expiatórias nos primeiros anos após sua fundação no século VIII a. C., mas na medida em que a cidade se desenvolveu, expandindo sua influência ao longo do Mediterrâneo ocidental, sua população cresceu bastante, chegando quase à marca de um milhão de pessoas. Esse crescimento demográfico teria provocado a substituição dos animais pelas crianças na celebração dos ritos de sacrifício. Assim, objetivando estabelecer um controle da sua densidade demográfica, Cartago viu multiplicarem-se os sacrifícios de crianças, que foi, provavelmente incentivado pelas elites locais que buscavam a manutenção de sua riqueza, evitando assim a divisão do seu patrimônio em diversas partes entre os seus herdeiros. Para os autores, esta atividade religiosa foi muito importante para os cartagineses e contou ainda com o apoio das instituições políticas locais. (STAGER; WOLFF, 1984, 45).

De acordo com o historiador Dexter Hoyos, na obra *The Carthaginians* (2010), a prática religiosa mais bem conhecida sobre Cartago é aquela que se refere ao sepultamento de urnas funerárias dedicadas à Tanit e Baal Hammon no santuário chamado de *Tophet*, onde os primeiros rituais teriam sido realizados por volta do

século VIII a. C e os mais recentes em meados de 146 a. C., data da destruição da cidade pelos romanos. As evidências que apontam para a existência destes rituais, no entanto, apresentam certas divergências entre si. A análise das urnas contendo ossos humanos revela que a maioria pertence a crianças natimortos ou a fetos, com raras exceções que incluem crianças entre dois e quatro anos e uma única com doze anos de idade. As análises da medicina legal revelaram ainda que muitas crianças poderiam estar mortas no momento em que foram cremadas. De acordo com o autor, não existe, até o momento, nenhuma evidência arqueológica que comprove a cremação em massa de várias centenas de vítimas como a que o historiador Diodoro da Sicília relatou ter ocorrido em 310 a. C. As investigações acadêmicas acerca da prática de sacrifícios humanos em Cartago se encontram em andamento, mas é possível levantar algumas questões. A primeira delas é a de que, como vimos acima, o *Tophet* cartaginês era uma necrópole destinada a crianças que morriam ao nascer ou que eram vítimas de abortos. Por outro lado, as características dos sepultamentos, verificadas a partir das descobertas arqueológicas, em quase nada coincidem com as descrições de historiadores gregos ou romanos, que afirmaram estar descrevendo os ritos habituais de sacrifícios de crianças em Cartago. (HOYOS, 2010, 101).

As contradições entre as informações arqueológicas e a documentação textual são visíveis e usar uma para reforçar ou comprovar a outra é praticamente impossível. Ainda de acordo com Dexter Hoyos, uma estela funerária do século II a. C. oriunda da região da Numídia (atual Argélia), na região norte do continente africano, registra o sacrifício de um cordeiro sacrificado a Saturno, nome latino de Baal Hammon, com o objetivo de salvar a vida de uma criança. A estela se refere ao cordeiro como um “substituto” (*pro vikario*) e ao rito, como “*molchomor*”, versão transliterada de *mr mlk'*, que significa “o senhor da cidade”. Além disso, a estela revela a seguinte inscrição: “*respiração por respiração, sangue para a vida, para a vida*”. Embora esta estela seja interpretada geralmente como o sacrifício de um cordeiro em substituição

ao sacrifício da criança, parece provável, na opinião do autor, que o animal foi entregue a Baal Hammon porque a divindade teria poupado a vida dela, ou seja, que ela teria se recuperado de uma grave doença ou de um acidente. Esta questão demonstraria que os ossos de animais encontrados no *Tophet* cartaginês juntamente com os ossos de outras crianças são, na verdade, um agradecimento pelo fato de a divindade não tê-las tomado também. (HOYOS, 2010, 103).

Outra evidência que influenciou a interpretação dos pesquisadores é a estela abaixo, que representaria um sacerdote conduzindo uma criança em posição sacrificial.



Figura 4: Estela com desenho de sacerdote cartaginês.

Fonte: <http://www.diggingsonline.com> – Acesso em 07/02/2013

De acordo com Dexter Hoyos, esta estela não retrata um sacrifício e não se deve usá-la como correspondente das descrições dos historiadores antigos. Trata-se, na verdade, de uma figura masculina portando uma criança, com um gesto de benção ou oração, que pode significar a solicitação da proteção divina. Para o autor, os ritos

de sacrifícios generalizados dos próprios filhos seriam notáveis, embora não totalmente impensáveis, em uma sociedade na qual muitas crianças morriam durante o parto ou até mesmo antes de atingir a idade adulta. As crianças estavam, provavelmente, mais vulneráveis a epidemias do que os adultos. Se os cartagineses e os colonos fenícios da região norte do continente africano e da Sicília e da Sardenha recorressem à prática sistemática de sacrifícios de crianças, colocariam em risco a sua própria sobrevivência. As contradições verificadas entre as informações arqueológicas e a documentação textual torna questionável a crença nestes eventos. (HOYOS, 2010, 105).

De acordo com o pesquisador George Rawlinson, em sua obra *The History of Phoenicia* (1990), não havia grande diferença entre o sistema religioso dos fenícios e as demais cidades-estados orientais, exceto pelo nome das divindades, a complexidade ou simplicidade de determinados ritos e o maior ou menor prestígio ligado à função sacerdotal. Entretanto, um aspecto diferenciava os fenícios das demais civilidades orientais: o sacrifício envolvendo seres humanos. De acordo com a mitologia fenícia, o deus *El*, na época em que reinava sobre a terra como soberano da cidade-estado de Byblos, havia, em uma situação de extremo perigo, sacrificado seu filho primogênito *leoud*, como uma oferenda expiatória. A partir desta narrativa mítica, este rito passou a ser reproduzido entre os fenícios sempre que algum tipo de calamidade social ameaçava a sobrevivência das cidades. Tornou-se habitual ainda selecionar as vítimas expiatórias entre os filhos das famílias mais nobres que tinham suas vidas oferecidas para apaziguar a ira dos deuses, em uma relação de custo e benefício. Os rituais eram realizados a partir da cremação das vítimas, que, de acordo com os sacerdotes locais, eram colocadas nos braços de uma estátua de Moloque, que era, por sua vez, representada como uma figura humana com cabeça de touro. De acordo com o autor, os cartagineses teriam, portanto, herdado estas práticas e esta questão estaria

evidenciada a partir das descrições do historiador grego Diodoro da Sicília. (RAWLINSON, 1992, 145).

Para Brent Shaw, no artigo intitulado *Cult and Belief in Punic and Roman Africa* (2007), o ritual do sacrifício era o principal meio de comunicação entre os cartagineses e suas divindades, e o núcleo destas práticas era o sacrifício de sangue realizado em honra ao deus Baal Hammon. Para o autor, este rito assumiu uma forma exagerada, porém mais significativa e poderosa, na qual mais do que a imolação de animais, sacrificava-se também seres humanos. Estes ritos, que envolviam a imolação de crianças vivas, tem fomentado o debate sobre o assunto nos dias atuais. (SHAW, 2007, 12).

Na África, a principal evidência acerca da prática de sacrifícios humanos provém da necrópole em Cartago. Brent Shaw revela que estes rituais possuem origem oriental, ainda que não tenha sido descoberta nenhuma evidência de um *Tophet* na região da Fenícia, atual costa sírio-libanesa. Entretanto, a descoberta de outros sítios arqueológicos no Mediterrâneo ocidental, como o norte da África, a Sicília e a Sardenha, indica nomeadamente a distribuição da hegemonia política, militar e cultural exercida pelos cartagineses. Assim, para o autor, parece evidente que este tipo de sacrifício ocupou um lugar central e permanente na religião púnica, tendo por objetivo oferecer votos às divindades como forma de promessa por algo previamente recebido. (SHAW, 2007, 13-14).

Para Brent Shaw, no entanto, não há um debate consistente sobre as razões pelas quais os cartagineses realizavam estas práticas, sobretudo por conta de um regime demográfico bastante marcado pela mortalidade infantil. Entretanto, o autor considera que as evidências encontradas até o momento sugerem que as crianças estavam vivas durante a execução do ritual. (SHAW, 2007, 15).

O debate acerca das práticas sacrificiais em Cartago também perpassou a *Historiografia Árabe*. De acordo com Mahmed Hassine Fantar, no artigo intitulado *The Tophet was the final resting place for the still-born and for children who died in early infancy* (1984), se não fossem as descrições dos historiadores clássicos, os pesquisadores modernos dificilmente atribuiriam o *Tophet* cartaginês ao sacrifício de crianças. Assim, o autor questiona se estas informações são confiáveis e se os dados extraídos das escavações arqueológicas são, de alguma forma, conclusivos. (FANTAR, 1984, n. p.).

O primeiro questionamento feito pelo autor se refere à existência da estátua de Baal Hammon, descrita por Diodoro da Sicília como o local onde as crianças eram sacrificadas. Para Mahmed Hassine Fantar, este relato não é verdadeiro, tendo Diodoro da Sicília relacionado relatos cartagineses com antigos mitos sicilianos, especificamente o mito do Touro de Bronze, no qual o tirano siciliano *Phalaris*, queimava seus inimigos. Por outro lado, estas práticas estão ausentes nos relatos de outros historiadores, como Políbios, que participou diretamente das campanhas militares dos romanos contra os cartagineses no período da terceira guerra púnica, resultando na destruição de Cartago em 146 a. C. Além disso, Tito Lívio, outro historiador romano relativamente bem informado sobre Cartago, também não descreve o sacrifício de crianças realizado pelos cartagineses. Portanto, para o autor, não está claro, a partir das fontes clássicas, que os cartagineses sacrificavam seus filhos. Quanto às descrições bíblicas, o autor revela que os trechos não falam claramente em sacrifícios, mas que as crianças não deveriam “passar” pelo fogo. (FANTAR, 1984, n. p.).

E quanto aos vestígios físicos? O que eles podem nos revelar? De acordo com Mahmed Hassine Fantar, o *Tophet* era o local sagrado onde as urnas contendo ossos calcinados de crianças foram encontradas. Estes restos eram sepultados ritualmente de acordo com as práticas religiosas púnicas, reveladas pela presença de estelas

decoradas com o símbolo triangular da deusa Tanit. Em algumas urnas foram encontrados restos incinerados de crianças muito pequenas ou fetos em alguns casos, juntamente com ossos de animais. Para o autor, o *Tophet* cartaginês era o local onde os cartagineses faziam votos e solicitações endereçados a Baal Hammom e Tanit, de acordo com a fórmula ritual *Ut Des* (dou para que você dê), evidenciando mais uma vez a relação custo e benefício. Cada voto era acompanhado de uma oferta. Algumas estelas sugerem de fato que os animais eram sacrificados aos deuses. Contudo, se o *Tophet* não é uma necrópole, mas um santuário, como explicar a presença de ossos calcinados de crianças nesta região? Para o autor, em muitas culturas antigas, a morte de crianças não era tida como algo natural, e o seu local de sepultamento deveria ser em um setor separado e distinto daquele usado pelos adultos. Da mesma forma, as crianças púnicas que morriam precocemente possuíam um estatuto especial. (FANTAR, 1984, n. p.).

As crianças eram, portanto, cremadas e sepultadas em um recinto reservado ao culto de Baal Hammon e Tanit. De acordo com Mahmed Hassine Fantar, as crianças não estavam mortas no sentido usual da palavra, tendo sofrido, na verdade, um “retrocesso”. Os cartagineses acreditavam que, por razões misteriosas, Baal Hammon havia decidido tomá-las para si mesmo e, submetendo-se à vontade divina, os pais devolviam-lhe as crianças, de acordo com um ritual que envolvia, entre outras opções, a incineração e o sepultamento. (FANTAR, 1984, n. p.).

Os cartagineses não sacrificaram seus filhos no *Tophet*. Para Mahmed Hassine Fantar, este local, ao ar livre, acessível a todos que o visitavam, era um santuário sagrado presidido por Baal Hammon e Tanit. Para este santuário se dirigiam pais em luto, que procuravam devolver seus filhos às citadas divindades. (FANTAR, 1984, n. p.).

O historiador Chedii Klibi, citado por S. E. Tlatli, na obra *La Carthage Punique* (1978), questiona o rótulo de “bárbaros”, herdado pelos cartagineses em virtude das práticas de sacrifícios humanos. Para ele a história antiga de diversas civilizações está

repleta de exemplos destas atividades sagradas, como Israel e Grécia. Neste sentido, os cartagineses não seriam mais “bárbaros” que estas civilidades da Antiguidade. (KLIBI *Apud* TLATLI, 1978, 08).

O pesquisador Baruch Margalit, no artigo *Why king Mesha of Moab sacrificed his oldest son* (2004), destaca ainda que parte da atribuição aos cartagineses das práticas de sacrifícios humanos é proveniente dos relatos de historiadores cristãos posteriores ao século III da nossa era, como Filon de Biblos, Porfírio e Eusébio de Cesaréia. De acordo com estes relatos, os fenícios tinham por hábito, em tempos de extrema agitação social, sacrificar suas crianças aos deuses protetores da cidade. (MARGALIT, 2004, n. p.).

Por último, veremos de que maneira a *Historiografia Italiana* tratou o tema do sacrifício de crianças em Cartago. O historiador Federico Mazza, no artigo *The Phoenicians as seen by the ancient world* (1988), destaca que estudos recentes revelam que os historiadores antigos, como Diodoro da Sicília e Plutarco, não tinham conhecimento objetivo acerca dos relatos que produziram sobre sacrifícios de crianças em Cartago. Além disso, outros historiadores do período como Herodoto, Políbios, Tucídides e Tito Lívio não fazem menção a esta prática. Para o autor, as descrições que chegaram até nós são, na verdade, ecos de narrativas míticas combinadas com propaganda negativa, que produziram um quadro distorcido de um fenômeno cultural estrangeiro. (MAZZA, 1988, n. p.).

De acordo com Ida Oggiano e Paolo Xella, no artigo *Comunicare com gli dei: parole e simboli sulle stele Del tofet* (2008), os ritos realizados no santuário de Tanit eram, ao mesmo tempo, privados e públicos, tendo sido importantes para toda a coletividade cívica de Cartago. Para os autores, o *Tophet* - com suas estelas, símbolos e palavras - é o retrato de uma civilidade em oração. Trata-se do testemunho de um lugar destinado ao diálogo entre os homens e as divindades, criado para solicitar ou para agradecer por algum pedido alcançado. Entretanto, os autores lembram que resta

saber ainda quais os motivos conduziam os cartagineses a estas práticas sacrificiais. (OGGIANO & XELLA, 2008, 55).

Sergio Ribichini, em seu artigo *Il sacello nel “tofet”* (2002), concorda com esta perspectiva ao afirmar que o *Tophet* cartaginês possuía certo grau de multifuncionalidade de adoração, revelando o aspecto particular de um santuário situado no limite entre o público e o privado, um santuário social e comunitário que era também uma réplica de uma devoção doméstica e íntima. (RIBICHINI, 2002, 12).

Como vimos, as questões que envolvem o debate acadêmico acerca da prática de sacrifícios humanos em Cartago parecem estar longe do fim. Entretanto, esta temática inaugura um novo viés de abordagem da História de Cartago. Longe de ser apenas um rival à altura, que tornou a Cidade Eterna a maior potência do Mediterrâneo antigo, contribuindo para a formação do principado, Cartago possui uma historicidade própria, com seus hábitos, seu cotidiano e sua sociedade. Aspectos estes que necessitam e podem ser descobertos e redescobertos, agregando à civilidade púnica o mesmo destaque que romanos e gregos receberam da historiografia ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYMARD, A.; AYBOYER, J. História Geral das Civilizações. – Vol. III – Roma e Seu Império. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

CHARLES-PICARD, G.; CHARLES-PICARD, C. A vida quotidiana em Cartago no Tempo de Aníbal. Lisboa: LB, 1964.

EHRENREICH, B. Ritos de Sangue. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FANTAR, M. H. The Tophet was the final resting place for the still-born and for children who died in early infancy. [Online] Disponível na Internet Via: <http://phoenicia.org/childsacrifice.html#ixzz2idnvlCoO> – Acesso em 24-03-2013.

HARDEN, D. Os Fenícios. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

HOYOS, D. The Carthaginians. New York: Routledge, 2010.

LANCEL, S. Carthage. Paris: Fayard, 1992.

MARGALIT, B. Why King Mesha of Moab Sacrificed His Oldest Son. Biblical Archaeology Society. [Online] Disponível na Internet via: www.bib-arch.org/publication - Acesso em 23-06-2012.

MAZZA, F. The Phoenicians as Seen by the Ancient World. In: MOSCATI, S. (org.) The Phoenicians. New York: Abbeville Press, 1988.

OGGIANO, I.; XELLA, P. Comunicare con gli dei. Parole e simboli sulle stele del tofet. Bollettino di Archeologia on line I 2010/ Volume speciale. p. 46-58 [Online] Disponível na Internet via: www.archeologia.beniculturali.it – Acesso em 24-04-2012.

PAVY, A. Histoire de la Tunisie. Tunis: Bouslama, [s.d.]

PELLEGRIN, A. Histoire de la Tunisie. Tunis: La Rapide, 1944.

RAWLINSON, G. History of Phoenicia. Oxford, 1990.

RIBICHINI, S. Il Sacello Nel “Tofet”. *In*: GUZZO, A.; LIVERANI, M.; MATTHIAE, P. (Org.) *Da Pyrgi a Mozia: studi sull’archeologia del Mediterraneo in memória di Antonia Ciasca (Vicino Oriente, Quaderno 3/2)*, Roma 2002, pp. 425-439. [Online] Disponível na Internet via: www.cnr.it/istituti/ProdottoDellaRicerca - Acesso em 23-04-2012.

SHAW, B. Cult and Belief in Punic and Roman Africa. *In*: M. R. SALZMAN; SWEENEY, M. A. (Org.) *The Cambridge History of Religions in the Ancient World. Vol. 2*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

STAGER, L. E.; WOLFF, S. R. Child Sacrifice at Carthage—Religious Rite or Population Control? Archaeological evidence provides basis for a new analysis. *Biblical Archaeology Review* 10: 31–51. [Online] Disponível na Internet via: www.bib-arch.org/publication – Acesso em 12-06-2012.

TLATLI, S. E. *La Carthage punique. Étude urbaine*. Paris: Maisonneuve, 1978.

Artigo Recebido em: 30 de junho de 2013.

Aprovado em: 18 de janeiro de 2014.

Publicado em: 30 de abril de 2014.